

Mulheres negras e as intransigências do trabalho em plataformas digitais: uma análise das entregadoras de aplicativo de alimentação¹

Asmyne Bárbara Barbosa dos Santos²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

RESUMO

O objetivo do artigo é compreender a atuação de mulheres negras em plataformas digitais de entrega de alimentos. A hipótese é que o trabalho em plataforma reproduz a precarização do trabalho e as desigualdades de poder entre homens e mulheres, aliado ao preconceito racial. Investiga-se esse fenômeno por intermédio da análise de experiências relatadas por mulheres negras entregadoras, a partir de entrevistas realizadas com entregadoras em um grupo de Whatsapp. Nas considerações finais aponta-se que o trabalho em aplicativos de entrega é mais prejudicial às mulheres negras do que para os homens brancos.

PALAVRAS-CHAVE: plataformização do trabalho; racismo algorítmico; mulheres negras; entregadoras .

INTRODUÇÃO

A realidade do trabalho digital se insere no contexto da precarização das relações de trabalho, que foi amplificada, no Brasil, com a conjugação de fatores como a reforma trabalhista, a Lei 13.467, do governo Temer, aumento da flexibilização das relações trabalhistas e da informalidade e, em específico, o ano de 2020 marcado pela pandemia de covid-19 que se soma à crise econômica que vigorava desde 2015, causando altas taxas de desemprego. Nessa conjuntura, as mulheres negras sofrem impactos mais expressivos que outros grupos, principalmente se comparado às mulheres brancas. Os dados da DIEESE (MARCONDE, 2022) informam que, no terceiro

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Trabalho, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista CAPES - email: asmyne.barbosa@gmail.com

semestre de 2021, havia uma alta taxa de mulheres negras (49,9%) e não negras que buscavam há mais de um ano colocação no mercado de trabalho, nesse mesmo período o índice de homens que buscavam trabalho há mais de um ano era de 36,1% para os negros e de 41,7% para os não negros. E com as novas tecnologias da informação e comunicação surgem diferentes meios e modalidades de realização de trabalhos intermediados por aplicativos e empresas plataformas, definidos como trabalho digital (CASSILI, 2019) e trabalho em plataforma (VAN DOORN, 2017). Nos últimos anos, houve um crescimento expressivo de empresas que atuam na chamada economia colaborativa, com destaque para o setor de entregas, que no Brasil, tem a empresa iFood³ como principal representante e líder do segmento, com mais 160 mil entregadores ativos na plataforma.

O agravamento do índice de desemprego durante a pandemia e pós-pandemia, nos leva a indagar se para as mulheres negras, a plataformização do trabalho também acentuou as já históricas desigualdades raciais e de gênero existentes nas relações trabalhistas brasileiras.

METODOLOGIA

Diante desse cenário, o objetivo desta pesquisa é analisar a realidade do trabalho de mulheres negras entregadoras na empresa-aplicativo iFood. Nesse contexto, aponta-se como perguntas problemas para essa investigação: como as mulheres negras entregadoras do iFood lidam com a estrutura de funcionamento da empresa, qual o seu lugar nessa estrutura quando comparado com o trabalho dos entregadores?

No que concerne à metodologia, realizamos, inicialmente, a partir das palavras-chave *entregadores* e *entregadores ifood* uma pesquisa nas comunidades da rede social Facebook. Optou-se por realizar a pesquisa nesta rede, por ser um espaço no qual existem comunidades online que podem debater, compartilhar, colaborar e fazer novas conexões, e o grande diferencial dos grupos é que eles foram criados para tratar de assuntos específicos (VASCONCELOS, 2018). Dessa pesquisa de

³ Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), apontam que entre 2016 e 2020, o número de entregadores de aplicativos passou de 30 mil para 276 mil, um aumento de 979,8%.

palavras-chave, resultou na escolha do grupo *Entregadores ifood do Brasil*. Em que foi observado um movimento de mulheres entregadoras para a construção de um outro grupo específico no aplicativo de mensagens Whatsapp, voltado exclusivamente para essas trabalhadoras, pois percebiam que neste espaço não havia possibilidade de discussão de pautas pertinentes relacionadas à dinâmica de trabalho das mulheres entregadoras sem que houvesse comentários machistas ou abusivos. Dessa forma, as mulheres entregadoras participantes do grupo do Facebook criaram o grupo de whatsapp *iFood das Manas*. Com as participantes desse grupo foram aplicados questionários online utilizando o Google Form e entrevistas realizadas no próprio aplicativo de mensagens.

A pesquisa se divide em três partes. Inicialmente, revisamos como o preconceito racial aliado aos sexismo são fatores que estão presentes na trajetória laboral das mulheres negras. No segundo tópico, abordamos como as tecnologias da comunicação e informação afetam as relações trabalhistas, principalmente, no que diz respeito às promessas de igualdade e flexibilidade que atraem mais as mulheres. No terceiro, discutimos a inserção das mulheres negras no trabalho em plataforma a partir do material obtido nas entrevistas com as entregadoras do iFood.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro, visto da perspectiva histórica, acontece a partir de 1970, quando o país se insere no processo de expansão econômica, aliada ao desenvolvimento da urbanização e industrialização (ANTUNES, 2020). Contudo, mesmo em um cenário de aumento do emprego, as mulheres permanecem ocupando posto de menor qualificação, como é o caso do trabalho doméstico (CHERON, SALVAGNI, COLOMBY, 2022). Outro elemento que observamos é como ocorre a presença da mulher negra no mercado de trabalho. Como já observava Lélia Gonzáles (1984, p.226), “mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostitua”. Com efeito, a mulher negra inicia sua trajetória laboral em trabalhos precários e mal remunerados e ao longo da sua vida encontra dificuldades em acessar postos de empregos qualificados, devido, em parte, também à carência de formação educacional. “O corpo negro condicionado a

um regime de violência ao longo do tempo” (MOMBAÇA, 2020, p.3), assim, historicamente, o mundo do trabalho tem reproduzido essa herança social.

As tecnologias da comunicação e informação trouxeram para o mundo do trabalho a gestão algorítmica realizadas pelas empresas-aplicativos que fazem a intermediação das demandas de tarefas entre clientes, direcionando para o trabalhador-usuário. Neste cenário, os dados demonstram que os homens são predominantes nessa área, de acordo com pesquisa da FGV, o trabalho em aplicativos de entrega é realizado em sua maioria por homens pardos, entre 31 e 35 anos, que usam o meio como principal fonte de renda (FGV, 2021). Assim o trabalho precário em plataformas de entrega caracteriza-se diferente para as mulheres, pois para além das dificuldades inerentes às demandas da tarefa, a trabalhadora está sujeita às intransigências das práticas de induções comportamentais do aplicativo, que geram adoecimento e no caso das mulheres negras, sujeitas também à discriminação algorítmica.

Ressalta-se, assim, que “toda grande transformação que envolve a flexibilização das relações de trabalho tem início entre trabalhadoras do sexo feminino” (ABÍLIO, 2020, s/p.), o que se justifica pelo fato, anteriormente exposto, que no Brasil de bases coloniais e escravocratas, as mulheres pobres, em sua maioria negra, são colocadas sempre à margem dos processos políticos, econômicos e dos empregos formais, tornando-se protagonistas de uma rede precária de relações informais. Ainda, destacam-se o discurso da flexibilidade de horários e de tempo que atinge ainda mulheres que precisam conciliar trabalho com vida familiar e tarefas domésticas. Dessa forma, torna-se necessário que uma economia de trabalho justo para mulheres em plataformas, envolvem o reconhecimento do valor do trabalho não remunerado (SALVAGNI, GROHMANN, MATOS, 2022, *tradução nossa*).

ANÁLISES

As entrevistas evidenciam que o trabalho digital, em específico nas plataformas de entrega, reproduzem os mecanismos de opressão e desqualificação das mulheres como trabalhadoras, e mais acentuado pelo histórico processo de precarização, para as mulheres negras.

As primeiras conclusões, oriundas das entrevistadas com as entregadoras, apontam que gerenciamento algorítmico não diferencia a jornada de trabalho de entregadores homens e mulheres, assim, como já é de praxe que o trabalho de entregas exceda as jornadas de trabalho delimitadas nas relações trabalhistas formais, as mulheres acumulam, portanto, horas excedentes de trabalho com tarefas domésticas e de cuidado com os filhos. Para as mulheres negras, o gerenciamento algorítmico está aliado com a discriminação algorítmica, que reforça a exclusão e precarização dos trabalhadores negros, devido já ao histórico processo de informalidade no mercado de trabalho. A discriminação algorítmica também acentua esse processo de intransigências sofridas pelas mulheres, pois nas operações por algoritmo alguém pode pertencer a determinado grupo e ser julgado a partir das características generalizadas desse grupo, pois o ponto chave é que com frequência os algoritmos utilizam características de um grupo para avaliar a totalidade dos indivíduos, o que já caracteriza com uma forma de discriminação.

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, L. C. **Uberização do trabalho: subsunção real da viração**. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <http://www.passapalavra.info/2017/02/110685>. Acesso em 15 de maio de 2021.
- ANTUNES, Ricardo. **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Escola de Direito do Rio de Janeiro. **Pesquisa do projeto Field Project “Uberização e o trabalho em plataformas digitais de entrega”**. Rio de Janeiro: FGV Direito Rio, 2021.
- GONZALÉS, Lélia. **Racismo e Sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpoc, 1984.
- GRAHAM, Mark; ANWAR, Mohammad. Trabalho Digital. In.: ANTUNES, Ricardo. **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- GROHMANN, Rafael. Plataformização do Trabalho: características e alternativas. In.: ANTUNES, Ricardo. **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- MARCONDE, Mariana Mazzini (org.). **Dossiê mulheres negras : retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília : Ipea, 2013.

MOMBAÇA, Jota. **A plantação cognitiva**. São Paulo: MASP, 2020.

REVISTA EXAME. **No iFood, esse delivery foi campeão na pandemia – e ele surpreende**. Publicado em: 25/08/2020. Disponível em: <https://exame.com/marketing/no-ifood-tipo-de-estabelecimento-que-mais-cresceu-na-pandemia-surpreende/>. Acesso em 05 de junho de 2024.

PRATES, Ian; LIMA, Márcia; SOUSA, Caio Jardim; COSTA, Gisele Silva; BERTOLOZZI, Thayla Bicalho. **Desigualdades raciais e de gênero no mercado de trabalho em meio à pandemia**. Informativo Desigualdades Raciais e covid-19. Rio de Janeiro, 2021.

SALVAGNI, J. (2021) **As mulheres nas plataformas digitais: a farsa do trabalho flexível**. Disponível: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/08/23/as-mulheres-nas-plataformas-digitais-a-farsa-do-trabalho-flexivel/>. Acesso em 30 de maio de 2024.

VAN DOORN, Niels. **Platform Labor: on the gendered and racialized exploitation of low-income service work in the ‘on-demand’ economy**. Information, Communication & Society, v. 20, n. 6, p. 898-914, 2017.